

Dora Kramer*

Não se improvisa na Presidência

O presidente da República está entusiasmado e confiante. Com razão. As coisas vão indo bem: avaliação positiva em alta, projeções de voto favoráveis, reaproximação com os Estados Unidos muito bem encaminhada, contas públicas deficitárias longe do radar imediato do eleitorado.

Com todo esse vento a favor, Luiz Inácio da Silva (PT) não se ajuda. Quando diz que traficantes de drogas são vítimas dos usuários, comete uma série de erros, sendo o maior deles o de contrariar a realidade.

Além disso, ignora a tragé-

dia da dependência química, chama doentes de viciados, é tolerante com a criminalidade, mostra-se indiferente ao drama das pessoas, famílias, comunidades inteiras prisioneiras e territórios dominados pelo tráfico. Nem falemos da tomada de territórios pelas milícias - que tem tudo a ver com isso, mas aqui não vem ao caso.

Olhemos com atenção atos, palavras e estado de espírito do presidente. Tudo nele remete à consagração pessoal como ser superior e inimputável. Até o que foi visto como retratação ficou posto como uma frase

“mal colocada”, mas não errada como seria, o correto a ser dito numa retificação sincera.

A declaração sobre traficantes foi de infelicidade ímpar, mas não fortuita. Lula tem histórico de disparates, nos quais exhibe-se preconceituoso, machista e retrógrado, conceitos análogos que valem a pena desdobrar para ficarem mais claros.

Nos improvisos diz o que pensa, o que lhe vai à alma, mas tem a sorte de contar com a complacência negada a outros governantes. Nele são apenas gafes; em outros, motivo de dura condenação.

Exemplo: quando Fernando Henrique Cardoso qualificou como “vagabundos” servidores públicos que se aposentavam aos 40, 50 anos de idade, drenando os cofres da Previdência, amargou a versão de que chamara todos os aposentados de vagabundos.

Pesos e medidas diferentes favorecem o presidente, mas não elidem o fato de que o que lhe vai à cabeça a civilidade não escreve. Muito menos se adequa ao exercício da Presidência.

***Jornalista e comentarista de política**

Paulo César de Oliveira

Violência sempre na ordem do dia

Volto ao assunto. E volto porque ele é o assunto praticamente em todas as rodas, de todas as classes sociais. Falo da violência um tema que assusta a todos nós e que, infelizmente, mostra-se, a cada dia, mais fora do controle. E não apenas aqui, mas em países onde não imaginávamos que este fosse um problema tão grave.

Dias atrás ficamos sabendo, por exemplo, que o roubo de celulares, tão corriqueiro entre nós, é uma dor de cabeça também para a população de Londres, onde a violência virou epidemia. Foram milhares- falam em 40 mil- os aparelhos roubados nas ruas de Londres e vendidos- não se assustem-

na China. Este é um retrato do que é problema também para nós brasileiros. Mas aqui, a sensação é que a violência domina tudo. Falo de todo tipo de violência. Do abandono de incapaz ao homicídio. Do tráfico ao desvio de dinheiro público. Dos golpes de toda sorte que destroem vidas. Da violência do Estado. Dos estupros de vulneráveis- crianças e idosos- dos feminicídios, do domínio de áreas urbanas, submetendo as populações a toda sorte de violência. Aqui, lamentavelmente, tá tudo dominado pelo crime. Pelos criminosos profissionais e de ocasião. O que explica isto? Talvez a certeza da impunidade.

Para nós, cidadãos comuns, a sensação é de que somos um país sem leis. Existem elas existem, mas é como se não existissem. É muito comum vermos notícias sobre prisão de criminosos com extensas fichas, gente condenada que deveria estar na cadeia e que, por conta das “saidinhas”, um benefício da lei, está nas ruas, matando, roubando. É muito comum vermos membros de organizações criminosas soltos, ocupando postos importantes na sociedade, enquanto esperam por julgamento, por revisões de condenações.

Enfim, é muito comum assistirmos a lei protegendo o criminoso enquanto o cida-

dão comum com a violência. Movimentação das “autoridades” mesmo só perto das eleições. Como agora. Câmara e Senado estão lotados de projetos na área de segurança, apresentados pelo Governo, por deputados e senadores. Projetos de tipificação de crimes, projetos de aumento de penas. Vamos criar e mudar leis, sem criarmos condições para sua aplicação. Sem acabarmos com tantos privilégios em nome dos direitos humanos dos criminosos, mais respeitados do que os do cidadão comum.

***Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil**

Sérgio Nery*

O amadurecimento de João Fonseca e a confiança na jornada

O triunfo de João Fonseca na Basileia, Suíça, neste domingo (26) é daqueles momentos que parecem escritos com tintas de destino. Um brasileiro de apenas 19 anos, ergue seu primeiro troféu de ATP 500 na terra natal de Roger Federer, seu ídolo de infância. Mas, por trás da imagem simbólica, há um processo longo, feito de altos e baixos, que merece ser compreendido.

Desde a conquista em Buenos Aires, no ATP 250 de fevereiro, Fonseca viveu a oscilação natural de um jovem que encara pela primeira vez o circuito mais competitivo do esporte. Houve vitórias marcantes, como o triunfo sobre Stefanos Tsitsipas na Copa Davis, mas também derrotas precoces e semanas frustrantes. Nada fora do roteiro de um garoto em formação: na elite do tênis, cada detalhe físico, técnico e mental pesa. E é justamente aí que mora o aprendizado.

O carioca começou 2025 como 145º do ranking e, com

a vitória avassaladora na final deste domingo sobre Alejandro Davidovich Fokina, saltou para o 28º lugar, entrando de vez no top 30 do tênis mundial.

Entre o ATP 250 e o título na Suíça, somam-se ainda conquistas em dois challengers (Canberra e Phoenix), degraus que reforçam a ideia de um crescimento consistente. Mais do que isso: de um trabalho coletivo iniciado cedo, aos 12 anos, quando conheceu o técnico Guilherme Teixeira.

Teixeira, mineiro de 37 anos, também dá seus primeiros passos no topo do tênis. Não é um “medalhão” e por isso virou alvo de críticas de quem pede um treinador mais renomado. Mas os resultados falam por si: junto do preparador físico Emmanuel Jiménez e do fisioterapeuta Egídio Magalhães Júnior, estruturou um projeto sólido que moldou não apenas o tênis agressivo de Fonseca, mas sua resiliência emocional. A academia “Yes Tennis”, funda-

da em 2022 e que hoje conta com 40 atletas, é fruto direto dessa evolução conjunta.

A semifinal na Basileia ilustra a relação de confiança entre treinador e atleta. Presionado por Denis Shapovalov, Fonseca desabafou sobre as dificuldades no backhand adversário. Em 30 segundos de conversa, Teixeira ofereceu uma leitura objetiva e motivadora. O brasileiro voltou para quadra inflamado, abriu 4-1 e, logo depois, avançou. É um exemplo do quanto a conexão entre os dois vai além da técnica: é visão de jogo, confiança mútua e coragem em momentos decisivos.

O abraço emocionado após a final sintetiza esse elo. Fonseca não chegou até aqui sozinho — seu time e sua família, presentes na Suíça, são parte inseparável da conquista. E é justamente esse alicerce que dá segurança para seguir adiante.

Respeitar o processo é a grande lição. Primeiro os challengers, depois o ATP 250,

agora o ATP 500. O próximo passo serão os Masters 1000 e, inevitavelmente, os Grand Slams. O tênis é imprevisível: as próximas conquistas podem vir rápido ou demorar. Mas o caminho está sendo pavimentado com consistência.

Independentemente do que acontecer no Masters 1000 de Paris, que começa nesta semana, a temporada de João Fonseca já é fantástica. O mais importante, neste momento, é a continuidade do trabalho. A evolução é surreal, mas não um acaso: é fruto de um projeto pensado, de uma equipe dedicada e da maturidade impressionante de um jovem que ousa sonhar grande.

João está hoje na posição em que deve estar. Por mérito próprio. Cabe ao Brasil, agora, torcer para que esse processo siga firme — e para que novos domingos de glória no tênis se multipliquem.

***Colunista do Correio da Manhã**

EDITORIAL

O passado salva

Por séculos, a floresta foi vista como um território sem história — verde, impenetrável e, portanto, vazio. Mas não há nada mais irônico: é justamente sob a mata densa que repousa uma das provas mais concretas de que a Amazônia nunca esteve desabitada. As novas pesquisas arqueológicas revelam caminhos, valas, vilas inteiras e estruturas que apontam para sociedades complexas, formadas por povos que moldaram o ambiente muito antes da chegada dos europeus. O que antes era considerado selva intocada agora se mostra como um vasto arquivo da presença humana.

Os fatos comprovam que a maior floresta tropical do mundo foi densamente povoada muito antes do início das Grandes Navegações europeias. Mais recentemente, foram anunciadas pesquisas que encontraram urnas funerárias enterradas embaixo de árvores centenárias. Isso demonstra a complexidade de povos que ali habitaram, dotados de complexa cultura.

Essas descobertas, no entanto, vão além do fascínio científico. Elas podem redefinir

o modo como o país enxerga e protege a floresta. Ao constatar que os povos indígenas foram — e são — os verdadeiros arquitetos da Amazônia, a arqueologia fornece argumentos tangíveis para a criação de novas áreas de preservação e para a demarcação de territórios tradicionais. Cada sítio revelado é uma linha escrita na história do continente, e ignorá-lo seria o mesmo que apagar um capítulo inteiro do passado.

Em tempos de desmatamento acelerado, “dia do fogo” e de disputas políticas pelo controle da terra, a ciência surge como aliada inesperada da floresta. Mapear o solo amazônico não é apenas olhar para trás — é garantir que o futuro ainda exista. Quando um feixe de laser (a tecnologia LiDAR) atravessa a copa das árvores e revela uma vila soterrada e complexas vias de comércio, não é apenas o passado que se ilumina. É também a lembrança de que a Amazônia nunca precisou ser salva pelo homem — apenas devolvida aos verdadeiros donos, aos que sempre souberam conviver com ela.

Os cuidados com o golpe do falso advogado

O golpe do falso advogado tem se tornado uma armadilha cada vez mais sofisticada e perigosa, explorando momentos de fragilidade emocional das vítimas. Normalmente, os criminosos entram em contato com familiares de pessoas presas ou envolvidas em supostos acidentes, dizendo ser advogados contratados para resolver a situação rapidamente — mediante o pagamento de fianças ou taxas judiciais. O tom urgente e o uso de informações pessoais, muitas vezes obtidas nas redes sociais, aumentam a credibilidade da farsa e reduzem o senso crítico de quem recebe a ligação.

Esse tipo de golpe é particularmente cruel porque se apoia na empatia e no medo. Ninguém está imune a reagir instintivamente diante da notícia de que um ente querido está em perigo. Por isso, a prevenção passa por educação e conscientização. É essencial que as pessoas conversem com suas famílias sobre a existência desse tipo de crime e combinem protocolo

de segurança — por exemplo, confirmar informações diretamente com o suposto familiar ou com as autoridades antes de tomar qualquer decisão financeira.

Além disso, é urgente que o poder público e as operadoras de telefonia aprimorem mecanismos de bloqueio e rastreamento de chamadas fraudulentas. A tecnologia que permite aplicar o golpe também pode ser usada para combatê-lo. Campanhas de informação em meios de comunicação e redes sociais são igualmente necessárias, especialmente para alcançar idosos, que costumam ser as principais vítimas.

Por fim, a sociedade deve compreender que o cuidado com golpes como o do falso advogado é uma forma de autoproteção coletiva. Denunciar, compartilhar informações e apoiar quem foi enganado ajuda a enfraquecer a atuação dos criminosos. A atenção e a desconfiança saudável tornaram-se, hoje, atos de responsabilidade cidadã.

Opinião do leitor

Boas falas

Autoridades brasileiras, em geral, da política, da economia e do empresariado, como seria de se esperar, manifestaram-se otimistas com o encontro, na Malásia, entre Trump e Lula. Todos salientando os prováveis avanços econômicos entre Brasil e Estados Unidos que poderão avançar entre os dois países.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: WASHINGTON LUIZ CONTINUA NO FORTE DE COPACABANA

As principais notícias do Correio da Manhã em 28 de outubro de 1930 foram: Washington Luiz continua preso no Forte de Copacabana. Junta Militar implementa as primeiras ações para apaziguar os ânimos políticos. Realiza-se o casamento do Rei Boris com a princesa Giovana.

HÁ 75 ANOS: APURAÇÃO DAS ELEIÇÕES ESTÁ PRÓXIMA DE ACABAR

Eduardo Gomes tem 2,2 milhões de votos; e Cristiano Machado, 1,6 milhões de votos. Nereu Ramos é reconduzido à presidência do PSD. Guerilheiros norte-coreanos estariam à espreita para contra-atacar as tropas da ONU. Em Indochina, franceses estão na defesa de Loakay. Partidos socialistas italianos temtam se unificar para terem força política.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.